

AS INSTRUÇÕES DA PITONISA

Trilogia
AS FACES DE VICTORIA BERGMAN

TERCEIRA PARTE

AS INSTRUÇÕES DA PITONISA

ERIK AXL SUND

Tradução de
AGNETA ÖHRSTRÖM B.
com a colaboração de Rita Chuva



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2015

Em memória daqueles que perdoaram.

Personagens

Victoria Bergman e Sofia Zetterlund

Durante a sua infância e adolescência, Victoria Bergman foi alvo de abusos sexuais às mãos do seu pai e desenvolveu um transtorno dissociativo de identidade. Aos dezoito anos, foi-lhe concedida proteção de identidade, com o nome de Sofia Zetterlund, e está hoje a exercer como psicóloga, tendo o seu consultório particular. Foi casada com Lars Magnus Pettersson. Teve como paciente a criança-soldado Samuel Bai, da Serra Leoa, que foi encontrado assassinado há alguns meses. Continua a tentar viver com a sua problemática psique.

Jeanette Kihlberg

Detetive na polícia de Estocolmo, responsável por várias investigações criminais. Está a separar-se do marido, Åke Kihlberg, artista plástico, com quem tem um filho, Johan. Contratou Sofia Zetterlund para fazer um perfil criminal e as duas mulheres iniciaram uma relação amorosa.

Jens Hurtig

Assistente e colega de Jeanette Kihlberg. Tem sangue Sami e é originário de Kvikkjokk, na província da Lapónia.

Madeleine Silfverberg

Filha biológica de Victoria Bergman. Filha adotiva de Per-Ola e Charlotte Silfverberg.

Ulrika Wendin

No passado recente, foi paciente de Sofia Zetterlund no seguimento de problemas psíquicos causados por uma violação, levada a cabo por um grupo de quatro homens, num hotel, há oito anos. Tinha, na altura, catorze anos

e alega que um dos violadores, que também filmou os abusos, foi Karl Lundström. O caso foi arquivado.

Ivo Andrić

Patologista forense no Instituto de Medicina Legal no subúrbio de Solna. Foi para a Suécia nos anos 90, como refugiado da guerra na Jugoslávia. Tem ascendência bósnia.

Martin

Um rapazinho a quem Victoria Bergman esteve muito ligada durante a sua infância e início da adolescência. Afogou-se aos nove anos, em circunstâncias nunca esclarecidas, depois de uma ida com Victoria a um parque de diversões na cidade de Uppsala.

Bengt e Birgitta Bergman

Os pais de Victoria Bergman. Morreram num incêndio na sua vivenda há alguns meses.

Sofia Zetterlund, a velha

A psicóloga que tratou Victoria no final dos anos 80 e que a ajudou a obter a proteção de identidade. Hoje em dia, vive num lar, no bairro de Midsommarkransen, em Estocolmo.

Kenneth von Kwist

Procurador nas investigações criminais de Jeanette Kihlberg. Muito amigo do advogado Viggo Dürer e do antigo comissário-chefe Gert Berglind, este último falecido há dez anos.

Dennis Billing

Atual comissário-chefe e sucessor de Gert Berglind.

Nils Åhlund e Jimmy Schwartz

Assistentes da detetive Jeanette Kihlberg.

Lars Mikkelsen

Investigador-chefe da secção de crimes de violência sexual contra crianças da Brigada Criminal Nacional. Participou, quando recém-formado, na investigação que conduziu à proteção de identidade de Victoria.

Hannah Östlund e Jessica Friberg

Colegas de quarto no internato de Sigtuna. Juntamente com Victoria, foram alvo de uma praxe muito humilhante no primeiro ano do internato.

São procuradas pelos homicídios de Fredrika Grünewald, Per-Ola Silfverberg e Jonathan Ceder.

Karl Lundström

Assassinado. Antes disso, foi acusado de crimes de pornografia infantil e abusos sexuais contra a sua filha, Linnea. Depois do suicídio de Linnea, a sua mulher, Annette, é a única sobrevivente da família. Karl e Annette são primos e cresceram na aldeia de Polcirkeln, na província da Lapónia. Pensa-se terem feito parte de um grupo separatista de uma seita religiosa de origem laestadiana em 1980.

Per-Ola Silfverberg (Peo e também «o Sueco»)

Assassinado. O pai adotivo de Madeleine Silfverberg, casado com Charlotte Silfverberg (nascida Hansson). Durante vários anos teve negócios com o advogado Viggo Dürer.

Fredrika Grünewald

Antiga aluna do internato de Sigtuna. Assassinada.

Regina e Jonathan Ceder

Regina Ceder, antiga aluna do internato de Sigtuna. Assassinada, tal como o seu filho, Jonathan.

Viggo Dürer

O advogado de Bengt Bergman, Karl Lundström e Per-Ola Silfverberg. Durante a sua adolescência, Victoria Bergman passou várias temporadas na quinta do advogado, perto de Struer, na Jutlândia.

Now I Wanna Sniff Some Glue.

RAMONES

Passado

*Não penses que o verão vai chegar sem ninguém se esforçar por isso,
ó verão, é preciso veraneiar um bocadinho, só assim as flores vão acabar por abrir.
Sou eu que faço com que as flores se abram e sou eu que faço com que a relva
fique verde,
e agora o verão já chegou porque eu derreti a neve.*

A praia estava deserta. Só eles e as gaivotas.

Tinha-se habituado aos gritos dos pássaros e ao ruído das ondas, mas o farfalhar do grande corta-vento em plástico azul, fininho, irritava Madeleine. Não conseguia adormecer.

Estava deitada de barriga para baixo e o sol queimava-lhe o corpo. Tinha dobrado a grande toalha de praia de forma a tapar-lhe a cabeça, mas deixara uma abertura estreita para poder observar o que se passava à sua volta.

Dez figuras de *Lego*.

E a miudinha de Karl e Annette, que brincava despreocupadamente à beira da água.

Estavam todos nus, menos o criador de porcos, que dissera que tinha um eczema e que não se podia expor ao sol. Ele encontrava-se ao pé da água a tomar conta da miúda. O seu cão também lá estava, um grande *rottweiler* em que Madeleine nunca conseguira confiar. Os outros cães, presos a uma estaca de madeira que emergia da areia, a alguma distância, também pareciam sentir o mesmo.

Ela chupava a gengiva e o dente. Continuava a deitar sangue, parecia-lhe que nunca mais parava, mas não havia maneira de cair.

Como sempre, ao seu lado encontrava-se o seu pai adotivo. Estava bronzeado do sol e pelinhos brancos brilhavam sobre a pele queimada.

De vez em quando, passava a mão sobre as costas de Madeleine ou besuntava-a com protetor solar. Por duas vezes, pedira-lhe para se virar e ficar de barriga para cima, mas ela fazia de conta que estava a dormir e que não ouvia.

Sentada ao lado dele estava uma mulher, que se chamava Regina, e a única coisa de que falava era do bebé que esperneava dentro da sua barriga e que queria sair. Tinha quase a certeza de que não seria uma menina, porque a sua barriga estava gigantesca e o resto do corpo não, dizia que era um sinal seguro de que seria um rapaz.

O seu nome seria Jonathan, o que, em hebreu, significa dádiva de Deus.

Estavam os dois a conversar baixinho, quase a sussurrar, e era praticamente impossível ouvir o que diziam por causa do farfalhar do corta-vento. Mas quando ele, sorridente, acariciava a barriga da mulher, ela sorria-lhe também, e Madeleine conseguia ouvi-la dizer que era bom. Que as suas mãos eram suaves.

Ela era bonita, com os cabelos compridos e escuros e um rosto de modelo. Era assim que Madeleine queria ser.

Mas achava que a barriga da mulher era nojenta. O umbigo estava saliente, parecia uma bolinha vermelha e inchada. Ainda por cima, tinha uma carreira de pelos escuros que iam do umbigo até aos pelos púbicos. Até ali, só tinha visto tantos pelos em homens e não queria ver mais.

Virou a cara por baixo da toalha e olhou para o outro lado. Ali, a praia estava completamente deserta, só se via areia até à ponte e, ao longe, o farol pintado de vermelho e branco. Mas daquele lado havia mais gaivotas, algum veraneante devia ter deixado ali o seu lixo.

— Então, já acordaste? — A voz era suave. — Põe-te de barriga para cima ou vais ficar com um escaldão.

Ela obedeceu em silêncio e fechou os olhos. Ouviu-o sacudir o frasco com o protetor solar. Ele era cuidadoso, limpou-lhe a areia primeiro, uma espécie de gesto de carinho que ela não entendia, e ela cobriu outra vez a cara com a toalha, sem que ele protestasse.

As mãos dele estavam quentes e ela não sabia o que devia sentir. Era agradável e desagradável ao mesmo tempo, tal e qual como o dente. Ficava com um arrepio agradável no corpo ao passar a língua sobre a superfície áspera do lado superior do dente, e era isso que sentia, também, quando as mãos dele roçavam nela.

— Estás linda — disse ele.

Ela sabia que o seu corpo estava mais desenvolvido do que o da maioria das miúdas da sua idade. Era muito mais alta do que elas e até já lhe estavam a brotar os seios. Pelo menos, era o que supunha, porque estavam inchados e sentia comichão, como se estivessem a crescer. Era a mesma comichão que sentia no sítio do dente que estava por cair. Era um dente novo que estava a surgir por baixo do outro, um dente de adulto.

Às vezes, pensava que estava a ficar maluca com toda aquela comichão. Até mesmo o seu esqueleto lhe fazia comichão, como se estivesse a crescer tão depressa que os seus ossos quase arranhavam a carne à volta.

Fora ele quem lhe explicara que o corpo envelhece depressa, mas que não devia sentir vergonha por isso. Dentro de poucos anos, o seu corpo ficaria gasto de tanto crescer. Ficaria cheia de estrias, tracinhos finos que seriam as marcas do crescimento. Porque a pele vai esticando à medida que se cresce, tal como na barriga da mulher grávida.

Ele também lhe explicara que era importante ela gostar do seu corpo e que seria bom para o seu ego ficar muitas vezes nua à frente de outras pessoas. Ele chamava a isso nudez social e significava que se ficava mais próximo das outras pessoas, que se respeitava todos os indivíduos, cada um com os seus defeitos físicos. Estar nua significava sentir-se segura.

Ela não acreditava, mas, mesmo assim, contra a sua vontade, gostava de sentir as mãos dele no seu corpo.

Ele parou mais depressa do que ela estava à espera. Uma voz suave de mulher disse para ele se deitar e ela ouviu os cotovelos dele enterrarem-se na areia.

— Fica deitado... — sussurrou a mesma voz suave.

Ela virou a cabeça lentamente e com cuidado. Através da abertura que tinha criado na toalha de praia, viu que era a mulher gorda, Fredrika, que viera sentar-se ao lado dele.

Ficou a pensar nas figuras de *Lego*. Homenzinhos de plástico com quem se podia fazer aquilo que nos apetecesse e que continuavam a sorrir, mesmo que os pusessemos dentro do forno até derreterem.

Ela não conseguiu desviar o olhar quando a mulher se inclinou sobre a barriga de Peo e abriu a boca.

E, passado pouco tempo, através da abertura, viu como a cabeça da mulher se mexia, devagarinho, para cima e para baixo. Fredrika tinha acabado de tomar banho, os seus cabelos colavam-se ao seu rosto, e tudo tinha um ar molhado. Vermelho e molhado.

Mais longe, conseguia ver as caras de outras pessoas. O polícia de bigode levantara-se e fora ter com eles. O seu corpo era peludo e velho e a sua barriga estava quase do tamanho da barriga da mulher grávida. Também estava vermelha, mas era por causa do sol, e por baixo da barriga estava tudo enrugado e seco.

Todos eles eram apenas figuras de *Legó*. Ela não os compreendia, mas não conseguia deixar de olhar para eles.

Pensou naquela vez em que estavam na famosa praia de Skagen. Fora quando o seu pai adotivo lhe batera pela primeira vez. Nessa altura, também não os compreendera.

Era uma praia cheia de gente, não deserta como esta. Toda a gente usava fato de banho. Agora, já não sabia porque o fizera, mas fora ter com um homem que estava sentado sozinho sobre uma manta a fumar e a beber café. Ela despira o seu fato de banho em frente dele porque pensara que ele a queria ver nua.

Ele esboçara apenas um sorriso amarelo enquanto exalava o fumo do seu cigarro, mas os adultos ficaram como loucos e o pai, Peo, arrastara-a dali pelos cabelos.

— Aqui não — disseram.

Agora, toda a gente se mostrava curiosa e as sombras dos seus corpos tapavam a luz do sol.

O dente estava a irritá-la e sentia frio, agora que o sol desaparecera.

O *rottweiler* do criador de porcos aproximara-se deles. A areia voava à volta das suas patas e o animal mexia a cauda em sinal de curiosidade.

A língua brilhante estava pendurada da boca e ele bufava como se estivesse ávido.

Todos eles olhavam e ela também. Não havia razões para ter vergonha.

Uma das recém-chegadas sacou de uma máquina fotográfica, uma daquelas que tiram a fotografia e, logo de seguida, expulsam a imagem já pronta. Chamava-se uma máquina polar. Faz com que as moléculas congelem, pensara.

O corta-vento abanou e a máquina fez o seu ruído.
Naquele momento, o dente soltou-se.
Sentiu uma dor fria na gengiva e ficou a brincar com o dente na boca, enquanto olhava para os adultos.
Comichão e sabor a sangue na boca.

Bairro Södermalm

O princípio do fim é um carro azul a arder no ponto mais alto do monte de Tantoberget.

E uma montanha a arder no meio do bairro Södermalm não era o que a detetive Jeanette Kihlberg esperava ser a peça que faltava para completar o *puzzle*. Quando ela e o colega Jens Hurtig passam pela rua Hornstull, a grande velocidade, e veem o monte de Tantoberget, este parece um vulcão em erupção.

Antes de a zona entre a estrada de Ringvägen e o lago de Årstaviken ser transformada num espaço público, o monte de Tantoberget era considerado uma lixeira, um cemitério para o que os humanos deitam fora, e agora, mais uma vez, está transformado num despejo de sucata e de restos humanos.

O fogo, no ponto mais alto do parque, pode ser visto por quase toda a cidade de Estocolmo, e as chamas do carro incendiado atingem agora os ramos de uma bétula próxima, secos pelo outono. As faíscas do fogo estalam e começam a ameaçar os barracões dos pequenos jardins particulares, situados a poucos metros dali.

Neste preciso momento, Jeanette não faz a mínima ideia de que esta situação constitui o início do fim e que tudo o que está interligado irá ter a sua explicação. Mas ela não é mais do que um simples ser humano e, por isso, só lhe será desvendada uma pequena parte da totalidade.

Hannah Östlund e a sua colega do internato de Sigtuna, Jessica Friberg, são procuradas por suspeita de terem cometido quatro homicídios. O procurador Kenneth von Kwist declarou que o nível de suspeita seria, muito possivelmente, atualizado para permitir a acusação efetiva.

O carro que neste momento está a ser devorado pelas chamas, no cume do monte, está registado em nome de Hannah Östlund, e é por isso que Jeanette foi chamada a intervir.

Seguem pela rua Hornsgatan em direção ao parque Zinkendamm, onde se cruzam com dois carros dos bombeiros a grande velocidade em sentido contrário. Hurtig abranda e deixa-os passar, antes de virar para a estrada Ringvägen. Depois ultrapassam o campo de hóquei e entram no parque. A estrada serpenteia, montanha acima, em grandes curvas.

Jeanette Kihlberg nota que algumas pessoas se juntaram para observar o incêndio, mas, como o risco de explosão do depósito de gasolina é grande, mantêm uma distância segura. Unidos pela sensação de impotência, visto que não podem intervir para ajudar, os populares partilham a vergonha de serem demasiado cobardes. Não se olham, um ou outro fixa o chão, mexe com o sapato na areia da estrada, e todos têm pena de não serem heróis.

Quando Jeanette abre a porta do carro ardido, sente o fumo quente, tóxico e negro.

Há um cheiro nauseabundo a gasóleo, borracha e plástico derretido.

Nos assentos da frente, entre as chamas mortíferas e escaldantes, vê as silhuetas de dois corpos sem vida.